

O R. C. D. na ofensiva

Pelo Major ELEUTÉRIO BRUM FERLICH

Inst. de Cav. da E. E. M.³

A publicação deste trabalho, nas páginas de A DEFESA NACIONAL, representa uma contribuição preciosa para o estudo do emprêgo da Cavalaria Divisionária.

Para tornar mais vivo e interessante o assunto, daremos neste número a composição do R.C.D., suas características e possibilidades e uma questão proposta. De posse destes elementos básicos, pode ser estudado o problema tático.

No próximo número será apresentada a solução dada ao problema pelo Major Ferlich.

Este oficial é uma figura exponencial na Cavalaria e sobre sua capacidade, diz melhor que nós, a brilhante documentação sobre o emprêgo da arma, que tem marcado a sua operosidade, como instrutor da Escola Militar, Escola das Armas e Escola de Estado Maior.

COMPOSIÇÃO, CARATERÍSTICA DOS ELEMENTOS COMPONENTES, POSSIBILIDADES E REFORÇAMENTO DO R. C. D.

1.º) — COMPOSIÇÃO DO R. C. D.

| | | | | | |
|----------|---------------------|---------------------------------|------------------|--|---------------------|
| R. C. D. | Ala a cavalo | Esquadrão Extranumerário | | | |
| | | 3 Esq. C. | { Esq. de 4 Pel. | { Pel. de 2 G. C. e 1 esquadra suplementar | |
| | | 1 Esq. Mtr. Eng. | { | 2 Pel. Mtr. (Pei. 2 Sec. de 2 peças) | |
| | | | { | 1 Pel. Mort. (2 Sec. de 2 peças) | |
| | | | { | 1 Pel. C. A. C. (4 peças) | |
| | Ala moto-mecanizada | 1 Esq. A. M. D. R. | { 3 Pel. | { Pel. 5 Viat. (com mtr. e canhão) | |
| | | 1 Esq. T. Q. T. | { 3 Pel. | { Pelotão de 2 G. C. | { G. C. com 2 F. M. |

Como se pode observar, o moderno R.C.D. não é mais do que o antigo reforçado:

— pelo acréscimo de 1 Pel. de canhões anti-carro (C.A.C.);

- pela criação do Esquadrão de autos-metralhadoras de descoberta e reconhecimento (A. M. D. R.);
- pela substituição de um Esquadrão a cavalo de 8 F. M. por um Esq. Transportado Qualquer Terreno (T. Q. T.) a 12 F. M.

2.º) — CARATERÍSTICAS DOS ELEMENTOS COMPONENTES DO R. C. D.

A) — ELEMENTOS A CAVALO — Caraterizam-se pela mobilidade, capacidade manobreira e potência do seu armamento.

a) *Vantagens que apresentam*

- 1.º — Têm raio de ação relativamente grande, decorrente da resistência dos cavalos e da velocidade de 6 a 8 km. que podem manter em longos percursos (40 a 60 km. por dia e mesmo 100 km. em casos especiais).
- 2.º — São, por excelência, os elementos aptos para o reconhecimento dos terrenos cobertos e difíceis, onde o avião *não vê* e o carro blindado *não passa*.
- 3.º — Têm grande capacidade manobreira, decorrente da fácil *adaptação ao terreno* e flexibilidade nas evoluções.
- 4.º — Dispõem de potência de fogo semelhante à da Infantaria e como esta, podem atacar, executar um golpe de mão e, sobretudo, fazer o que os carros não fazem — ocupar o terreno.
- 5.º — Podem realizar com vantagem — em vista das suas características — o combate em grandes frentes e, sobretudo, têm facilidade em organizar *cortinas de fogo*.

b) *Deficiências*

- 1.º — *Vulnerabilidade* — Tanto o homem como o cavalo não sendo blindados, uma rajada de metralhadora pode aniquilar, em alguns minutos, uma tropa de cavalaria que seja surpreendida agrupada.
- 2.º — *Lentidão relativa* na busca de informações a grandes distâncias, pois as unidades a cavalo têm apenas 1/3 da velocidade das pequenas unidades mecanizadas.

- 3.^o — *Fragilidade* — O rendimento de uma unidade a cavalo pode decrescer rapidamente, em vista da fadiga dos homens a cavalo, quando faça etapas muito longas ou reconhecimentos penosos.
- 4.^o — *Impotência diante de engenhos blindados* — Uma viatura blindada pode debandar — em caso de surpresa — uma tropa de cavalaria sem meios anti-carro.

B) — ELEMENTOS MOTO-MECANIZADOS

1) *Autos-metralhadoras*

O A. M. D. R. é uma viatura:

- blindada à prova de balas de metralhadora e estilhaços de granada;
- rápida, de modo a percorrer 25 a 30 km. horários em terreno médio e livre (velocidade média de reconhecimento 12 a 15 km. a hora);
- *qualquer terreno* pois, tem 6 rodas motrizes ou lagartas, que lhe permitem subir rampas de 30% e transpor vãos de 0m,80;
- *poderosamente armada*, porque possui uma metralhadora ou um canhão anti-carro como armamento;
- *de grande raio de ação*, 200 kms.

O Pelotão A.M.D.R. compõe-se de 5 viaturas e pode dividir-se em patrulhas de 2 ou 3 viaturas.

a) *Vantagens que oferecem as unidades mecanizadas (A. M. D. R.):*

- *na busca de informações*: vão mais longe e mais rapidamente que os elementos a cavalo;
- *no reconhecimento*: têm grande capacidade, pois *observam* ao abrigo das balas;
- *nas pequenas ações ofensivas ou golpes de mão*: fornecem o apôio de metralhadoras e canhões móveis e blindados;
- *na luta contra engenhos blindados inimigos*: retardam-

lhes a progressão, graças ao canhão ou mtr. anti-carro (C. A. C. — Mtr. A. C.);

- *na perseguição*: acabam de desorganizar o inimigo e lançam o pânico nas retaguardas;
- *na ação retardadora*: fazem contra-ataques rápidos que facilitam o desferramento dos combatentes a pé e retardam a progressão inimiga;
- *finalmente*, lançam a desordem e confusão em tropas desprovidas de defesa anti-carro.

b) *Deficiências*:

- *volumosas* — razão porque são excelentes alvos para a Artilharia;
- *ruidosas* — pois chamam a atenção até mesmo de elementos inimigos desprevenidos;
- *pouca capacidade de observação* — pois o pessoal de bordo, a-pesar-dos aperfeiçoamentos modernos, *vê mal e não ouve* os ruídos exteriores, que interdizem o emprêgo noturno dos A. M. D. R.:
- *dependência do motor* — pois, a-pesar-dos progressos constantes da mecânica, a “pane” é sempre possível e, sob o fogo, a imobilidade de um engenho é destruição certa;
- *dificuldade de manter o contacto* — pelo fato de ser incapaz de ocupar o terreno;
- *incapacidade de remoção dos obstáculos* — porque os homes não podem abandonar as viaturas. Uma barricada em passagem obrigatória detem um auto, pois se os condutores apearem poderão ser facilmente fuzilados por elementos emboscados.

2) *Elementos transportados*.

Em vista das deficiências dos A. M. D. R. é necessário que se lhes dê apôio.

Essa necessidade se evidenciou na guerra européia, de modo que em fins de 1918 nenhum auto-metralhadora partia sem apôio

de cavalaria (em geral 1 Pel.); mas o destacamento assim constituído, com elementos de velocidades tão diferentes, dava rendimento fraquíssimo, porque:

- ou os autos-metralhadoras esperavam os cavaleiros em cada lanço e no fim de contas a *velocidade de progressão* era a do cavalo;
- ou os autos-metralhadoras marchavam com sua velocidade normal e dentro de pouco tempo se distanciavam tanto que perdiam o *apôio*.

Depois da guerra, nas manobras de cavalaria, a necessidade dum elemento de *apôio* mais rápido que o cavaleiro se fez sentir e os francêses reforçaram as patrulhas autos-metralhadoras, sucessivamente, com:

- ciclistas;
- motociclistas (simples ou conjugados);
- elementos transportados.

Entre nós, foi adotado como *apôio*, o elemento transportado "qualquer terreno", porque o motociclo só anda em estrada e o nosso A. M. D. R. é para qualquer terreno.

Os nossos G. C. T. Q. T. são transportados em 2 viaturas ligeiras de 6 rodas ou lagarta (1 esquadra com 1 F. M. por viatura).

Essas viaturas seguem — na mesma velocidade e a certa distância — os A. M. D. R. sozinhos.

A grande deficiência dos elementos transportados reside no *volume e conseqüente vulnerabilidade*. As vantagens que apresentam são: *velocidade* (20 a 30 km. horários) e grande *potência de fogo* (2 F. M. por G. C.)

As unidades T.Q.T. não podem ser empregadas sem proteção de engenhos blindados.

Diante do estudo feito acima, pode-se avaliar a nova potência trazida ao R. C. D. pelos A. M. D. R. reforçados por elementos T. Q. T.

3.º) POSSIBILIDADES DO R. C. D.

Se bem que o R. C. D. seja dotado de mobilidade e potência de fogo notáveis, sua *capacidade de reconhecimento* — variável com o terreno — tem limites que procuraremos fixar aqui.

A capacidade de reconhecimento é, ao mesmo tempo, função de três fatores:

- raio de ação (profundidade da busca);
- capacidade de esquadramento (investigação em largura);
- capacidade de combate (valor da informação).

A) — RAIOS DE AÇÃO

Os modernos meios de ação (A. M. D. R. e T. Q. T.) de que se encontra provido o R. C. D., permitem-lhe profunda investigação, o que é particularmente interessante quando a D. I. dispõe de grande espaço livre na frente. Os elementos moto-mecanizados facultam a busca de informações num raio de 80 a 100 km.

B) — CAPACIDADE DE ESQUADRAMENTO

A capacidade de esquadramento é diversamente encarada, conforme a busca de informações se limite aos *itinerários principais* (caso de inimigo afastado) ou se estenda a toda a zona da G. U.

Tratando-se da busca de informações em grandes frentes, observem-se as seguintes regras:

a) — Na procura de informações longínquas, o R. C. D. pode lançar 3 a 4 reconhecimentos de 2 a 3 viaturas A. M. D. R. (apoiadas por G. C. T. Q. T.), pelos itinerários principais e sobre pontos de passagem obrigatória. Neste caso, sua capacidade de investigação em terreno médio se estende, no máximo, a frente de 12 a 15 km., com velocidade de 15 a 20 km. a hora;

b) — Se fôr necessário *esquadram* o terreno (perto do inimigo), os reconhecimentos moto-mecanizados não bastam e a capacidade de investigação do R. C. D. é, no caso, decorrente do número de Pelotões de Cavalaria que êle pode lançar.

Dá-se por bem entendido que a capacidade de investigação do R. C. D. aumenta em terreno descoberto e diminui em terreno cortado e coberto.

Em terreno médio, admite-se que um Pelotão de Cavalaria esquadrinhe, em boas condições, uma frente de 1.500 a 2000 ms. Se o Regimento destacar 2 Esq. — o que é um máximo — poderá esquadrinhar uma frente média de 12 kms..

Neste caso, o Cmt. do Regimento fica com uma reserva de 1 Esq. de Cav. e 1 Esq. Mtr..

Quando o R.C.D. não pode esquadrinhar inteiramente a zona da D. I., limita-se a reconhecer os *pontos principais*.

Finalmente, é preciso notar que:

— com a obrigação de *esquadrinhar zonas*, a velocidade de marcha do R. C. D., que é de 6 a 7 km. horários em terreno médio, pode baixar para 5 km., em terreno difícil;

— diante da D. I. estacionada, as frentes de investigações podem ser aumentadas, pois se trata mais de *vigiar* do que de *esquadrinhar*.

Conclusão: Em terreno médio, um R. C. D. pode, em boas condições, buscar informações e esquadrinhar a *zona normal de marcha* da D. I., ou seja numa frente de 12 kms.

C) — CAPACIDADE DE COMBATE

A partir do momento em que o primeiro contacto é tomado, somente o combate permite determinar o valor do mesmo.

1) — *Capacidade ofensiva* — A capacidade ofensiva do R. C. D. é muito limitada, não somente por se tratar de uma pequena unidade, mas, também porque não dispõe geralmente, de apóio de canhão.

Quando o R. C. D. opera em *zona extensa*, da ordem de 12 km. de largura — pelo fato de destacar muitos elementos para a *investigação* — faltam-lhe, em geral, elementos para *manobrar*; neste caso, só pode *situar* as resistências inimigas. Quando forem pequenas e isoladas, poderá tentar manobrá-las, com os elementos disponíveis; quando forem extensas, de molde que não seja possível a manobra, poderá tentar um *golpe de mão* — apoiado pelo fogo dos seus A. M. D. R. — em ponto *escolhido* e que seja muito favorável.

Em princípio, diante de resistências contínuas, não se pode

pedir mais ao R. C. D. do que *manter o contacto*, depois de haver determinado o *contôrno aparente*.

E' preciso notar que quanto mais numerosos forem os elementos destacados para a investigação mais faltarão ao R. C. D. elementos de manobra.

2) — *Capacidade defensiva* — A capacidade defensiva do R. C. D. — no caso de duração limitada — é relativa, pelas razões seguintes:

- dispõe de número relativamente grande de armas automáticas (54 a.a.);
- pode constituir frentes defensivas com grande rapidez;
- tem facilidade de *manobrar em retirada*;
- tem geralmente possibilidade de *escolher o terreno* de combate que lhe seja favorável (passagens obrigatórias, rios, campos de tiro extensos, etc.) e que lhe aumente o poder defensivo.

A *escolha do terreno* tem importância considerável, porque permite aumentar a extensão das frentes, pela limitação do número de *pontos* a defender.

Com suas 44 a.a. (sem contar as do A. M. D. R.):

- em terreno muito favorável, atrás de um corte, o R. C. D. pode estabelecer uma cortina numa frente de 8 a 9 km.;
- em terreno médio, entretanto, não pode organizar frente que, embora de pouca profundidade, vá além de 4 km. (100 m. por a.a.).

Ora, normalmente, as D. I. dispõem de uma zona de ação de 10, 12 e mesmo 15 km.; portanto, se o R.C.D. não fôr reforçado com meios suplementares, não poderá manter uma cortina de fogo em tôda a frente da D. I. Consequentemente, ocupará certos *pontos importantes*, onde exercera ação retardadora, graças à sua mobilidade e à potência dos seus A. M. D. R.

Conclusão — A cavalaria orgânica da D. I. não pode — as mais das vezes — satisfazer a tôdas as necessidades de segurança do Cmt. da D. I.

Particularmente apto para o “papel de investigação”, o R. C. D.:

- tem *capacidade defensiva real*, porém *limitada* e in-

suficiente para — em terreno médio — garantir a cobertura de tóda a frente de ação da G. U., sobretudo a *cobertura contra blindados*;

- tem capacidade ofensiva muito fraca, que o torna deficiente sob o ponto de vista “*verificação do valor dos contactos*”.

D) — CONCLUSÕES DECORRENTES DAS POSSIBILIDADES DO R.C.D.

Do estudo acima feito, pode concluir-se:

A) — *Sob o ponto de vista comando*

1.º) As missões a dar ao R. C. D. são função das *suas possibilidades*; não se deve, portanto, pedir-lhe o que não possa fazer.

2.º) Dar ao R. C. D. — de acôrdo com as *possibilidades* — uma *missão precisa*, em função das circunstâncias táticas (terreno, situação inimiga já conhecida): *missão de informação ou missão de cobertura*.

Difícilmente a cavalaria divisionária poderá cumprir, simultaneamente, estas missões.

3.º) Quando a *importância da missão* ultrapassar as possibilidades do R. C. D., será necessário *reforçá-lo*, como veremos adiante.

B) — *Sob o ponto de vista tropa de infantaria em proveito da qual trabalha o R. C. D.*

1.º) O R.C.D. não pode ter a pretensão de resguardar — sempre e por tóda parte — os elementos de infantaria contra as *incursões de engenhos blindados qualquer terreno* (Q.T.); os engenhos inimigos, mesmo pressentidos a tempo, só poderão ser assinalados pouco tempo antes da aparição nos lugares em que serão perigosos.

A infantaria deve, então, guardar-se contra êsses engenhos.

2.º) Na época atual, torna-se difícil ao R.C.D. cuidar, simultaneamente, da *segurança do chefe* e da *segurança da tropa*.

4.º) REFORÇAMENTO DO R. C. D.

A solução *sedutora*, que consiste, em retirar o R. C. D. duma D. I. de 2.ª linha para *reforçar* o de outra de 1.ª linha, não é recomendável. Com tal solução, arrisca-se privar a G. U., em 2.ª

linha, de empregar, quando entrar em ação, seu R.C.D. no *ponto e momento desejados*, pois nem sempre se poderá restituí-lo *quando e onde* se quizer.

Um R. C. D. poderá ser diferentemente reforçado, conforme a *missão*, o *inimigo* e o *terreno*, com:

- elementos de cavalaria de D. C. ou da Reserva Geral;
- carros de combate;
- artilharia T. Q. T.;
- canhões anti-carro;
- elementos de engenharia.

Não se pode dar uma regra geral sôbre a proporção em que devem entrar os diversos elementos no reforçamento do R. C. D.; só o *caso concreto* domina a questão.

Um Cmt. de D. I. que queira verificar uma hipótese capital para sua manobra e deseje saber, por exemplo, se se encontra em presença duma *cortina de fogo*, ou dum *grosso inimigo*, será levado, lógicamente, a reforçar seu R. C. D. com *carros e artilharia*, de modo a aumentar-lhe a *capacidade ofensiva*.

Um Cmt. de D. I. que deseje — para cobrir a marcha à noite — lançar, para a frente do seu objetivo de fim de marcha, fôrça capaz de estabelecer uma *cortina de fogo*, será conduzido a reforçar seu R. C. D. com *infantaria, engenhos anti-carro e engenharia*, de maneira a crescer-lhe a *capacidade defensiva*.

Enfim, sejam quais forem os elementos dados em refôrço, é indispensável que:

— sejam *suficientemente móveis* para que não retardem o movimento do R.C.D., privando-o da sua qualidade principal — a “*mobilidade*”;

— não sejam *volumosos* a ponto de impossibilitar o R.C.D. de garantir-lhes a segurança.

Dosagem judiciosa impõe-se, portanto.

Não se deve esquecer que os elementos dados como refôrço a um R. C. D. — em operações, por vezes, ousadas — *correm os mesmos riscos que êle*.

Carta: S. PAULO
Folha de JAU'
Esc. 1:100.000

SITUAÇÃO GERAL

Vermelhos do Norte, depois de um insucesso na linha do RIO TIETE', retraem-se para N.E. sob a pressão dos azuis do Sul.

O III Corpo do II Ex. azul (V e VI D.I.) tem como direção de esforço a linha BOM RETIRO-MATÃO-BARREIRO.

À esquerda do III Corpo, cobrindo-lhe o flanco, o 3.^o R. C. C. Ex. (1) atua na direção BARRA MANSA-POUSO ALEGRE-BOCAINA.

A V D.I., que opera no eixo Est. AIROSA GALVÃO-JAU' DOURADO, conquistou na tarde de D-2 uma cabeça de ponte que atingiu a linha do Rib. AVE MARIA, ligando-se à esquerda com o 3.^o R. C. C. Ex. em AVE MARIA e à direita com a Vg. da VI D.I. em CAPIM FINO (regiões 10 km. S.W. e S.S.W. de JAÚ).

1.^a SITUAÇÃO PARTICULAR

Na noite D-2/D-1 os elementos inimigos que detinham as Vg. da V D.I., na linha do Rib. AVE MARIA, romperam o contacto e retraíram-se para N.E.; em consequência disto, ao alvo-recer do D-1 o 5.^o R. C. D. foi lançado na direção de JAÚ para retomar o contacto.

Esta unidade, depois de repelir elementos ligeiros entre o Rib. AVE MARIA e o Rio JAÚ, foi chocar-se com resistências fortes em JAÚ, que sòmente as Vg. da V D.I. puderam reduzir.

E' assim que, às 16 horas do D-1, as Vg. da D. I. apoderaram-se de JAÚ e, havendo atacado com todos os meios as resistências inimigas encontradas nas margens N. do Rio JAÚ, não conseguiram transpor êste RIO; o 5.^o R.C.D. que iniciára a tomada de contacto, acha-se àquela hora estendido entre VICENTE PRADO e a região 4 Km. S. E. de JAÚ.

(1) — Regimento de Cavalaria de Corpo de Exército.

320
O R. C. C. D. NA OFENSIVA

À esquerda, o 3. R. C. C. Ex. atingiu a linha do Rio ligando-se com a V D.I. em BREJÃO.

À direita a VI D. I. atingiu a linha Rio JAÚ-Rib. S. JO ligando-se com a V D.I. nas alturas logo a W. de Faz. BAR RINHO.

Em face dos acontecimentos é intenção do cmt. da V — ligando-se estreitamente à direita com a VI D.I. aberto a esquerda pelo 3.º R. C. C. Ex., atacar ao al cer do dia D a linha Faz. do CONDE-Faz. Sta. CRU modo a romper o dispositivo inimigo na frente -Faz. do CONDE.

A D.I. terá como zona de ação e objetivos sucessivos assinalados no calco n.º 1. anexo,

PEDE-SE:

Parágrafo *Cavalaria* da O.G.O. da V D.I. para o dia D

INFORMAÇÕES PARTICULARES

1) — RIO JAÚ:

profundidade — 1m,20

largura — 6 a 8 mts.

fundo — pouco firme

margens — escarpadas com pouca e rala tação

corrente — fraca

2) — Tem chovido torrencialmente.

3) — Clareia às 6 e escurece às 18.

6.º Regimento de Artilharia Montada

Seu Histórico

Pelo 1.º Ten. MANOEL FRERES

Num dos pontos mais pitorescos da Cidade de Cruz Alta, cognominada "Rainha da Serra", acha-se sediado o 6.º R.A.M. gloriosa unidade do nosso Exército.

Seu Quartel, pôsto seja de construção antiga, conserva-se em excelente estado e mostra o esmerado acabamento com que seus construtores procuraram dotar a tropa, ali aquartelada, de relativo confôrto.

Possuindo vastas terras, espraizou-se por sôbre as belas coxilhas, em que se instalou, como que querendo ocultar sob seus edifícios o pedaço de chão, que carinhosamente guarda, dádiva de Natureza pródiga.

Vive modestamente, entregue a trabalho útil, em pleno coração dos Pampas, dedicando-se à formação moral, técnica e intelectual, dos futuros defensores da Pátria. Grande Colmeia, onde todos trabalham com o pensamento voltado para os destinos do Brasil.

Faz pouco, designaram-nos para, em comissão, arrolar velhos documentos existentes no Arquivo e que deveriam ser encaminhados ao Arquivo do Exército. Logo de início se nos depararam antiquados documentos prenunciadores de uma existência bem maior que a que se lhe atribue com a sua organização de 2 de Janeiro de 1918, data de seu aniversário.

Assim sendo, aprofundamo-nos em pesquisas de caráter histórico e, por fim, depois de exaustíssimo esforço, desvendamos tudo quanto diz respeito ao nosso Regimento.

Descende, em nobreza, dos mais nobres corpos do Exército. Tendo tomado parte em gloriosos feitos militares, acobertou-se com o manto da modéstia, quedando-se, como os fi-

lhos do Sul, em momentos de repouso, sob o inseparável PONCHE, à espera de novas oportunidades, para a PELEIA, o que sempre saem vitoriosos.

Foi, em Ordem do Dia, n.º 214, de 16 de Maio de 1866, que o Duque de Caxias, Comandante em Chefe do Exército Brasileiro contra o Paraguai, organizou o 4.º Corpo Provisório de Artilharia, com 8 Baterias do então 1.º Regimento de Artilharia a Cavallo, hoje 5.º R.A.M., sediado em Santa Maria.

Fez parte, daí por diante, do 3.º Corpo de Exército, ao Comando do General Osório e, conforme Ordem do Dia, n.º 243, de 16 de Agosto daquele ano, parte para Parê-Cuê, onde se achava acampado, constituindo tropa de vanguarda, depois da célebre jornada de 16 de Julho, no "reconhecimento à viva fôrça, sôbre as posições trazeiras de Humaitá". Como tropa do 3.º Corpo de Exército, faz o ataque de flanco, em Itororó, segundo determinação de Caxias.

No dia 7 de Dezembro, como parte integrante da tropa ao Comando do General Osório, segue para Ipanê e a 1.ª apoiar o ataque da Infantaria Brasileira contra o Exército do Caballero.

Com o ataque paraguaio de 3 de Novembro de 1867, perde-se o 4.º Batalhão de Artilharia a Pé, que fazia parte do 2.º Corpo de Exército, ao Comando de Porto Alegre, em Tuiuti. Por isto, mais tarde, mudam-lhe a designação de 4.º Corpo Provisório de Artilharia para 4.º Batalhão de Artilharia a Pé em substituição ao anterior.

Sob o Comando do Coronel Hermes Ernesto da Fonseca faz parte da tropa de ocupação de Humaitá e, posteriormente, sob o Comando interino do Major Joaquim Antônio Ferreira da Cunha.

Em 1873, transfere-se para Assunção e, em meados de 1874, dão-lhe a designação de 3.º Regimento de Artilharia a Cavallo. Com a promoção do então Ten.-Cel. Floriano Peixoto ao posto de Coronel, êsse official, assumiu-lhe o Comando em Agosto de 1874, deixando-o em Novembro de 1875.

Em consequência, reassume-lhe o Comando o Major Ferreira da Cunha, que, depois de restabelecida a ordem na capital pública do Paraguai, se transfere com o Regimento de seu

mando para o "Baixo Paraguai, em Corumbá", onde chega em Agosto de 1876, acampando.

A 23 de Agosto de 1877, assume-lhe o Comando o Ten.-Cel. Benedicto Mariano de Campos. A 21 de Fevereiro de 1880, o Regimento é transferido para Cuiabá, sob o Comando Interino do Major João de Oliveira Mello.

Em 1884, encontramô-lo em Curitiba, sob o Comando do Ten.-Cel. Manoel José Pereira Júnior. De 1880 a 1883, quasi nada encontramos a respeito do 3.º Regimento de Artilharia a Cavallo. No entanto, conforme se infere do Ofício n.º 950, de 1.º de Fevereiro de 1896, do Cel. Arthur de Moraes Pereira, dirigido ao "Cidadão Marechal Carlos Machado Bittencourt, Ajudante General", quando a Unidade de seu Comando já se achava na Escola Prática de Artilharia, no Realengo, e, também, pelo Histórico do efêmero 3.º Regimento de Artilharia Montada, organizado em 1909 e extinto em 1915, vê-se ter havido extravios no Arquivo do Regimento de que vimos tratando, por ocasião da Revolta de 1893. No entanto, dispomos de mais de 60 grossos volumes de ORDENS DO DIA e de DETALHES, assim como de uma infinidade de outros documentos auxiliares, inclusive grande número de DISTRIBUIÇÃO DE FARDAMENTO. Quando fôr organizado o HISTÓRICO DO REGIMENTO, teremos ocasião de relacionar a BIBLIOGRAFIA de tôda a documentação, de que lançamos mão para redigir êste artigo.

Em 1889, fundem-no numa só unidade com o 3.º Regimento de Artilharia de Campanha, que lhe conserva o nome, passando a ser, então, 3.º REGIMENTO DE ARTILHARIA DE CAMPANHA.

Em 1893, combate ao lado das fôrças legais, tendo destacado suas Baterias para Paranaguá, Antonina, Lapa e Tijuca, Sub-Unidades estas que, heroicamente, enfrentam as tropas de Gumerindo Saraiva, destacando-se a invicta resistência da Lapa, onde Gomes Carneiro dá provas da bravura peculiar ao Soldado Brasileiro.

A 23 de Fevereiro de 1894, em Itararé, conforme Ordem do Dia do Major Celestino Alves Bastos, o Regimento é reorganizado, ficando, então, com 4 Baterias. A 27 de Março,

desloca-se para Jaguariaiva; a 4 de Abril, para Pirai; a 11 de Abril, para Castro; a 6 de Maio, para Palmeira; a 8 de Maio, para Curitiba; a 9 de Junho, conforme Ordem do Dia n.º 44, em que o Comandante do Exército em Operações no Estado do Paraná se despede e louva o 3.º Regimento de Artilharia de Campanha, esta Unidade se desloca para Sorocaba, São Paulo, "sua nova sede". Assim é que a 12, chega a Porto d'Água; a 17, atinge Santos.

Pela Ordem do Dia de 19 de Junho de 1894, o Major Celestino, deixa o Comando do Regimento, por ter de seguir para a Capital do País, a chamado do Exmo. Sr. Gen. Ministro da Guerra, assim como também é desligado "a-fim-de tomar assento na Assembléa do Estado de Sergipe, o Cidadão Capitão Manoel Xavier de Oliveira, fiscal interino". Em consequência da saída do Major Celestino, assumiu o Comando do Regimento o Capitão Serrando de Loyola e Silva.

A 19 de Setembro de 1894, chega à Capital de S. Paulo, acampando no morro de Sant'Ana, sendo seu Comandante, a esse tempo, o Capitão José Maria de Mesquita.

Em 1896, a 11 de Janeiro, segue para a Capital da República, onde chega a 12, aquartelando na Escola Prática de Artilharia, no Realengo. Comandava-o, nesta ocasião, o Major Nicanor Gonçalves da Silva Junior e dos oficiais que faziam parte do Regimento encontrava-se o Ten. Lauro Dias Barreto, Cmt. de Bia. e que, mais tarde, foi nosso Comandante no 2.º R. A. M., no Curato de Santa Cruz. A 20 de Abril, o Regimento vai para o Morro de Santo Antônio, sob o Comando do Coronel Arthur de Moraes Pereira. A 10 de Junho, seguiu para o Sul do País, a bordo do "Santos", chegando à Cidade do Rio Grande, no Estado do Rio Grande do Sul a 14, onde desembarcou.

A 30 de Janeiro de 1897, assume-lhe o Comando o Ten.-Cel. Antônio Ilha Moreira, por haver sido transferido para aquela Unidade conforme Decreto de 5 do mesmo mês e ano.

De 10 de Junho de 1896 a 8 de Abril de 1907, o Regimento permanece na Cidade do Rio Grande, transferindo-se, nesta data, sob o Comando do Coronel João Leocádio Pereira

de Mello, para a cidade de Alegrete, onde chega a 13, aquartelando no quartel do 30.º Batalhão de Infantaria.

Em princípios de Março de 1909, o Regimento desloca-se para Cruz Alta, onde chega a 6 e a 10, seu Comandante, cumprindo ordens superiores, extingue-o e com o seu material e pessoal, organiza o 3.º Regimento de Artilharia Montada. Este Regimento, fica bivacado na "Coxilha da Capoeira".

Com este ato, fica encarregado de organizar o novo Regimento o Capitão Antenor Ilha Elejald, ao mesmo tempo que o General José Salustiano Fernandes dos Reis, organizava a 3.ª Brigada Estratégica.

A nóvel Unidade, ficou constituída de três Grupos — 7.º, 8.º e 9.º Porque grassasse o tifo e a varicela no Acampamento e dada a falta de médico, assumiu tais funções o 2.º Ten. veterinário Antônio Gomes da Rosa, tendo o Regimento se mudado para a CASA BRANCA, a 3 quilômetros da Estação de Estrada de Ferro local e situada nas proximidades da Via Férrea Santa Maria-Cruz Alta.

A este tempo fizeram-se barracões, para abrigar o pessoal. Encarregou-se de tal serviço o Capitão Wlandislau Bandeira Teixeira.

Em Abril de 1915, conforme Decreto n.º 11.499, extinguem-n'ó.

Não cabe, aqui, na estreiteza de um artigo, relatar, em detalhes, a jamais vista peregrinação a que foi condenado o Regimento de que viemos tratando. No entanto, por êsse esboço, já se pode ter idéia pelo que passou um Corpo de Artilharia que, desde 1868, já em operações de guerra, já em sucessivas mudanças de parada, palmilhou vastíssimas extensões territoriais, a-fim-de cumprir com o dever e desempenhar árduas missões.

Extinto, sem vida, seu material entregue a reduzido Contingente, em 1918, depois de 4 anos de rebates guerreiros, do outro lado do Atlântico quando a voz moça do Brasil Novo se fez ouvir ao verbo patriótico e inflamado de Olavo Bilac, notadamente se organiza o peregrino Regimento, conforme Decreto n.º 12.739, de 7 de Dezembro de 1917, que creou o 8.º Regimento de Artilharia Montada, cujo aniversário se comemora

a 2 de Janeiro de cada ano, visto que sua efetivação se fez a 2 de Janeiro de 1918. Em 1919, a 18 de Julho, passou a ser 6.º Regimento de Artilharia Montada.

Não sendo nosso propósito, detalhar o Histórico do Regimento e sobretudo na sua última fase, que o tem muito bem feito, cumpria-nos, tão somente, ligar êsse glorioso passado, oculto nos arquivos e já envolto ao pó de longos decênios, à Corporação que tanto honra o nosso Exército pela sua dedicação ao trabalho, amor à ordem e à disciplina, que tanto o caracteriza e que levou o Exmo. Sr. Gen. Cmt. da Região a classificá-lo de "REGIMENTO MODELAR", na inspeção que fez no ano findo.

Evidentemente, devemos manter, daqui por diante, essa ligação histórica tão necessária quão útil, principalmente nos dias que correm, em que todos nos preocupamos em reviver o passado e enaltecer os nossos Maiores.

Creado o Corpo Provisório de Artilharia a 16 de Maio de 1868, conforme Ordem do Dia do Grande Caxias e tendo, em 1874, o Marechal Floriano Peixoto, comandado o Regimento, que se encontrava em Assunção, conforme verifica-se de seus assentamentos, está fora de dúvida que a data aniversária de nosso 6.º R. A. M. deve ser o dia 16 de MAIO de cada ano e não o 2 de JANEIRO e que se lhe deve dar FLORIANO PEIXOTO como PATRONO, prestando-se, dest'arte, uma homenagem ao "Marechal de Ferro", honra e glória de nossa Pátria.
